

DOROTHY KOOMSON

a filha da minha
melhor amiga

Tradução de Vera Falcão Martins

Prólogo

Para ser sincera, andava cansada há tanto tempo que já nem me lembrava desde quando, pelo menos, com exactidão, até perceber que algo de grave se passava comigo. No entanto, aguentei. Disse a mim mesma que precisava de descansar mais e que aquilo passaria. Mas não passou.

Por mais que dormisse, estava sempre cansada. Visceralmente cansada. Só quando Tegan me pediu para ir ao médico é que percebi. A minha filha de quatro anos verbalizou aquilo que eu não conseguia – não queria – enfrentar: o simples facto de eu já não ser o que era. Fartara-se de eu estar sempre demasiado exausta para brincar com ela. De me ver sangrar do nariz. De me sentir sem fôlego ao mais pequeno esforço.

– Mamã, se fores à médica, ela pode ajudar-te a melhorar – disse ela um dia, sem mais nem menos. Disse-o apenas. E eu fi-lo.

Sentei-me no consultório da médica, contei-lhe o que se passava e ela fez-me uma análise ao sangue. Depois, chamou-me para realizar mais exames. Mais testes com nomes e palavras que já ouvira nas séries televisivas sobre médicos, até começarem a ser empregues termos que, na televisão, nunca conduziam a um final feliz. Mas estes simplesmente não podiam ter nada a ver comigo. Não propriamente. Estavam a eliminar possibilidades.

Então, recebi o telefonema. O telefonema em que me foi dito que tinha de falar com a minha médica imediatamente. Mesmo nessa altura... Mesmo quando ela me disse... Quando disse que lamentava, para depois começar a falar sobre tratamentos e prognósticos, eu não acreditei. Não, não

é verdade. Eu acreditei, só não compreendi. Não compreendi porquê. Nem como. A mim, não.

Levei alguns dias a assimilar o diagnóstico. Talvez até uma semana. Cada segundo era precioso, diziam eles, mas eu continuava sem conseguir compreender. Não parecia estar assim tão doente. Estava um pouco mais pálida, um pouco mais vagarosa, mas não real e verdadeiramente doente. Não parava de pensar que eles estavam enganados. Ouvimos constantemente falar em casos semelhantes: diagnósticos errados, pessoas que desafiam as teorias dos médicos, pessoas que descobrem que sofriam de febre glandular em vez de...

Cerca de uma semana depois, a caminho do trabalho, cheguei cedo, super cedo, à estação de comboios, como de costume. É que eu criara imensas compensações – coisas que facilitavam as actividades normais – na minha vida para me adaptar à doença que invadia o meu corpo: ia para a estação com bastante antecedência para não ter de correr para apanhar o comboio; levava comida para o trabalho para não ter de caminhar até à casa de sandes à hora de almoço; reduzi o horário de trabalho da ama para não me sentir tentada a ir tomar um copo depois do expediente.

Enfim, certo dia, sentei-me na estação e uma mulher aproximou-se, ficando a meu lado, de pé. Retirou o telemóvel da mala e fez um telefonema. Quando a pessoa do outro lado da linha atendeu, ela disse:

– Estou, fala a mãe da Felicity Halliday. Estou a telefonar porque ela não se sente muito bem e hoje não vai à escola .

Fiquei destroçada. Desatei simplesmente a chorar. Naquele momento, naquele preciso momento, apercebi-me de que nunca teria a oportunidade de fazer um telefonema daqueles. Nunca poderia tomar uma simples atitude materna como telefonar para a escola da minha filha. Havia uma infinidade de coisas que nunca mais poderia fazer e aquela era uma delas.

Toda a gente reagiu de uma maneira tremendamente britânica e me ignorou enquanto eu chorava, soluçava e gemia. Sim, gemia. Fazia um barulho medonho enquanto me desfazia num milhão, num trilião de pedaços.

Então, um homem, um anjo, aproximou-se de mim, sentou-se, pôs o braço à minha volta e abraçou-me enquanto eu chorava. O comboio chegou, o comboio partiu. Assim como o seguinte e, depois, o outro. Este homem, porém, ficou comigo. Ficou comigo enquanto eu chorava e chorava. Ensopou-me completamente o ombro do casaco do seu belo fato, mas ele não

*parecia importar-se. Esperou e abraçou-me até eu parar de prantear.
Depois, perguntou-me delicadamente o que se passava.*

Com os soluços, só consegui dizer:

– Tenho de contar à minha filhinha que vou morrer.

mamã?

Capítulo Primeiro

O carteiro deu um salto quando eu abri a porta da frente do meu bloco de apartamentos e o cumprimentei de forma ansiosa.

Geralmente, quando nos encontrávamos, ele subia até ao meu apartamento no primeiro andar e eu arrastava os pés até à porta, vestida com o meu roupão, enquanto tentava limpar as marcas de sono do rosto. Hoje, porém, estava pendurada na janela, à espera dele. Usava ainda a minha habitual indumentária para receber o correio, ou seja, um roupão, e tinha os cabelos despenteados por ter estado a dormir; mas, desta vez, os meus olhos não eram ranhuras que mal se abriam: lavara o rosto e estava a sorrir.

– É um dia especial? – perguntou ele, sem qualquer sentido de humor.

Era evidente que não lhe agradava aquela inversão de papéis. Queria que eu estivesse calma e desorientada quando me entregasse o meu correio. Era, provavelmente, o único momento do seu dia em que se considerava superior a alguém. Ahhh, não é justo. O meu carteiro era adorável. A maioria dos carteiros é simpática, não é?

Na verdade, hoje, todas as pessoas do mundo eram adoráveis.

– É o dia do *meu* aniversário – sorri, exibindo os meus dentes acabados de lavar.

– Parabéns – afirmou, soturno como um padre no momento das suas orações, e entregou-me o correio para os quatro apartamentos do nosso bloco. Peguei com entusiasmo no maço que estava preso com um elástico,

reparando que quase todos os envelopes eram vermelhos, roxos ou azuis. Tinham, basicamente, as cores características dos sobrescritos dos postais.

– Vinte e um anos outra vez, é? – comentou o carteiro, continuando a recusar-se a ser contagiado pela minha boa disposição.

– Não, faço trinta e dois e tenho muito orgulho nisso – retorqui. – Cada aniversário é um bónus! E, além disso, hoje posso usar lantejoulas douradas, saltos altos e cobrir o meu decote de pó dourado.

Os pequenos olhos castanhos do carteiro desceram até à zona do meu peito. Embora estivéssemos no pico de um longo, quente e húmido Verão, eu tinha o meu pijama e um grande roupão turco vestidos, pelo que ele não conseguiu ver nada de sugestivo – muita sorte tinha ele em ter um vislumbre que fosse da pele do meu pescoço. Este facto, o de o peito de que eu falava estar muito bem tapado, pareceu apanhá-lo de surpresa e ele desviou imediatamente o olhar. Deve ter-se apercebido de que não devia devorar com os olhos as mulheres do seu circuito de entregas – sobretudo quando a senhora em questão não estava sequer despida o suficiente para o recompensar.

Começou a afastar-se.

– Tenha um bom dia, amor, quero dizer, querida, ou melhor, adeus.

Então, precipitou-se pelo caminho do jardim muito mais depressa do que um homem com a sua estatura e a sua idade devia ser capaz.

O carteiro foi tão ágil que, provavelmente, nem me ouviu exclamar «Você também», enquanto eu fechava a porta, depois de ele se ter ido embora.

Atirei as cartas que não me eram endereçadas, mas tiveram a audácia de chegar àquela morada naquele dia, para o chão da entrada. Aterra-ram, sem cerimónia, em cima das outras cartas, mais antigas, que ali jaziam como crianças órfãs, esperando, *ansiando* por serem salvas. Normalmente, sentia pena daquelas cartas, desejava que as pessoas para quem haviam sido enviadas lhes dessem um bom lar, mas, hoje, não eram problema meu. Recusei-me a pensar nelas ao subir as escadas, galgando dois degraus de cada vez, para voltar ao meu apartamento.

No meu quarto, já preparara o festim para o meu pequeno-almoço de aniversário: *croissants* frescos com salmão fumado, três trufas de chocolate e um copo de Mœt.

Hoje, tudo tinha de ser perfeito. Tudo. Assim o planeara. Depois de devorar o meu mata-bicho especial, ficaria na cama até ao meio-dia, a abrir postais de aniversário enquanto recebia telefonemas de amigos e

familiares que me queriam bem. Em seguida, tinha hora marcada no cabeleireiro para lavar, amaciar em profundidade e cortar o cabelo. Pretendia fazer uma mudança radical: livrar-me do habitual corte de cabelo à altura do queixo e adoptar um penteado com longas camadas e uma franja a cair. Depois disso, voltaria para casa e aperaltar-me-ia. Ia mesmo usar um vestido com lantejoulas douradas que realçava a minha pele escura de uma forma espectacular. Enfiaria os meus pés nuns sapatos dourados de saltos altos e cobriria o meu decote de pó dourado. Depois, algumas das minhas colegas de trabalho iam lá a casa tomar umas bebidas e petiscar qualquer coisa antes de irmos para a cidade, para dançarmos pela noite fora.

Deslizei cuidadosamente para baixo dos lençóis, não querendo virar o banquete especial, e, depois, bebi um trago de champanhe antes de me atirar aos meus postais, rasgando os envelopes como uma criança ansiosa. À minha volta, o monte de envelopes coloridos foi aumentando à medida que eu lhes arrancava os postais e sorria para as palavras que o seu interior encerrava.

Não foi, então, por falta de perspicácia que não reparei nele. Era igual a todos os outros. Misturado com os restantes no maço, com um aspecto inócuo e inocente. E, tal como acontecera com os outros, não olhei para ele com atenção, não tentei decifrar a caligrafia no envelope, ignorei a imagem na parte da frente. Abri-o, simplesmente, ansiosa por receber a mensagem de afecto que fora rabiscada no seu interior. O meu coração parou. Reconheci a caligrafia antes de ler as palavras, que sorvi de coração acelerado.

*Querida Kamryn, por favor, não ignores isto.
Preciso de te ver. Estou a morrer. Estou no Hospital de
St. Jude, no centro de Londres.
Com amizade, Adele
P.S.: Tenho saudades tuas.*

Ao fechar bruscamente o postal, notei, pela primeira vez, que este tinha escrito «Adoro-te», em vez das habituais felicitações de aniversário.

O pedaço de cartão brilhante foi parar ao outro lado do quarto quando o arremessei como se me tivesse queimado os dedos. Caiu em cima do cesto de vime para a roupa suja e ali ficou a olhar fixamente para mim. Zombava de mim, com a sua parte da frente branca, um desenho simples e uma palavra traiçoeira. Desafiava-me a ignorá-lo.

Desafiava-me a fingir que as palavras que encerrava não estavam gravadas no meu cérebro como estavam inscritas no postal.

Bebi um gole do meu champanhe, mas este soube-me a vinagre. O *croissant*, cuidadosamente cortado ao meio e recheado com salmão fumado, sabia a serradura. As trufas não passavam de uma pasta desagradável na minha boca.

Ainda assim, o postal continuava a olhar-me fixamente. A espicaçar-me. *Ignora-me se conseguires*, troçava. *Vá lá, tenta*.

Afastei os cobertores, levantei-me da cama e caminhei em direcção ao postal. Friamente, rasguei-o ao meio. Depois, desfi-lo em novos pedaços. Com um passo pesado, avancei até à cozinha, pisei o pedal do caixote do lixo e deitei o que restava do postal para cima dos legumes putrefactos, dos restos de comida gordurosos e das embalagens descartadas.

– Pronto. Eis o que eu penso disso! E de ti! – disse iradamente ao postal e ao seu remetente.

Voltei para a minha cama. Assim estava melhor. Muito melhor. Bebi o meu champanhe e ingeri a minha comida. E tudo estava bem novamente. Perfeito, até. Tal como devia estar no dia do meu aniversário.

Nada podia estragá-lo. Por mais que tentassem. E não havia dúvida de que estavam mesmo a tentar, pois não? A tentativa ficava-se por aquela mensagem, disfarçada de postal de aniversário. Muito esperto. Muito esperto mesmo. Pois bem, não ia resultar. Eu não ia cair naquele disparate. Ia levar a cabo o meu plano. Ia tornar o dia em que completava trinta e dois anos mais especial do que aqueles em que completara dezoito, vinte e um e trinta juntos.

Porque, quando fizer trinta e dois anos, usarei lantejoulas douradas, sapatos com salto agulha de quinze centímetros e cobrirei o meu decote de pó dourado, tal como eu prometera a mim mesma há séculos.

*

A porta estava entreaberta e não se queixou quando eu a empurrei devagarinho. Não bati. Nunca batia a uma porta já aberta, pois, para mim, isso queria sempre dizer «Entre, não é preciso bater».

Do seu lugar, entre as suas almofadas brancas, ela sorriu quando conseguiu ver-me.

– Eu sabia que virias – sussurrou.